

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KETLIN KESSI DE SOUZA

**O Lugar dos Índios no Mito da Curitiba Branca:
Análise de Artigos da Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes de
1934 a 1956**

**CURITIBA
2018**

KETLIN KESSI DE SOUZA

O Lugar dos Índios no Mito da Curitiba Branca:
Análise de Artigos Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes de
1934 a 1956

Trabalho apresentado ao
Departamento de História da
Universidade Federal do Paraná,
como avaliação parcial para a
obtenção do título de bacharel
em História, Memória e Imagem.
Elaborado sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Martha Daisson
Hameister

CURITIBA
2018

AGRADECIMENTOS

Encerro enfim esse capítulo de minha vida, houveram várias dificuldades e muitas vezes me foi exigida energia que não sabia que tinha. Sou oriunda de família humilde e como muitos de meu tempo, sou a primeira a conseguir concluir o ensino superior em minha família, abrindo caminho para minha irmã que logo ingressará na universidade pública, mostrei a ela que com esforço somos capazes de alcançar nossos desejos.

Agradeço imensamente meus pais Selma Souza e Roberto Silva, meus baluartes e exemplos de pessoas, que nunca questionaram minha escolha de curso, sempre estiveram muito felizes com minhas realizações e curtiram junto comigo, os amo muito. O diploma que receberei é para a parede de vocês, essa realização é para vocês.

Não há palavras que traduzam minha gratidão pela professora Martha Hameister, uma pessoa que sempre pude contar, me apoiou e me acompanhou durante toda a formação. Nunca me esquecerei das ajudas pessoais, das indicações para trabalhos de transcrição e nossa ida ao Rio de Janeiro. Minhas oportunidades de viagens acadêmicas, o intercâmbio e participação em vários eventos, foram por meio dos trabalhos desenvolvidos junto ao CEDOPE e sempre incentivados pela professora Martha. Obrigada por não desistir de mim.

Aqui devo agradecer ao CEDOPE, onde tive meu primeiro contato com fontes históricas e onde iniciei minhas atividades de transcrição, descobri ser algo que realmente gosto de fazer. Nesse núcleo me encontrei enquanto pesquisadora, fiz amizades para a vida toda e conheci pessoas interessantes e divertidas, a lista seria imensa, mas agradeço principalmente ao André, sempre aguentando minha playlist do século passado.

Durante minha graduação conheci pessoas maravilhosas que fizeram parte da minha vida, gargalharam e choraram comigo, tenho muitas saudades de quando o bec ficava na Dr. Faivre e lá nos encontrávamos para a cerveja de R\$3,00, meus amigos cedopianos Fred, Bruna, Fran e Flávia. Gostaria de por o

nome de todas as pessoas admiráveis e extraordinárias que conheci ao longo do curso, jamais esquecerei o que aprendemos juntos.

E por fim não poderia deixar de mencionar meu namorado Luan, meu companheiro de todas as horas, maior incentivador e auxiliador na produção deste tcc, não me deixou dormir por várias vezes para que enfim conseguisse o famigerado diploma. Obrigada meu querido, lhe amo muito.

RESUMO:

Este trabalho tem como finalidade discutir e estabelecer os indícios da construção da memória paranaense referente à presença indígena na sociedade curitibana, através de análise de fontes, tais quais as revistas publicadas pelo Círculo dos Estudos Bandeirantes e análise bibliográfica específica. Para tanto, avalei artigos constantes nas edições de 1934 a 1956, pois as publicações só foram retomadas no ano de 1988 e a temática dos artigos sofreram alterações. Cabe ressaltar o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná será utilizado para estabelecimento comparativo sobre a construção dos discursos de memória. O Círculo dos estudos bandeirantes foi fundado em 1929 por um grupo de intelectuais com a finalidade de fomentar conhecimento por meio da pesquisa e divulgar a cultura nacional e paranaense, atualmente é importante centro para memória e guarda de acervo bibliográfico raro e fontes históricas sobre a história paranaense.

Palavras Chave: indígenas; memória paranaense; Círculo dos Estudos Bandeirantes;

SUMÁRIO:

Introdução: Assim se constrói memória.....	1
Círculo dos Estudos Bandeirantes.....	4
Intelectuais e o fomento do conhecimento.....	7
Análise dos Artigos.....	15
Considerações Finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	23
Fontes.....	24

INTRODUÇÃO

Assim se constrói memória.

Ao ser apresentada aos administrados da jovem vila de Curitiba do século XIX, passei a me interessar mais sobre conteúdos referentes à construção da memória curitibana, foi feito excelente trabalho na omissão de alguns em detrimento de outros, devido ao movimento intelectual iniciado durante o governo de Bento Munhoz, governador do estado entre 1951 e 1955, que visava

“construir a identidade paranaense não por sua similaridade ao nacional, mas pelo que tem de peculiar, num movimento oposto ao dos literatos do século XIX, que visavam diluir os elementos de diferença” (BEGA, 2005 apud OLIVEIRA, 2005).

Como passei a maior parte de minha graduação dedicada ao estudo dos “rejeitados” históricos, gente do baixo extrato da sociedade, tais como indígenas, administrados e escravizados, é interessante trabalhar a construção da memória curitibana, saltando do século XVIII com os registros paroquiais para o XX com a criação das várias instituições de memória, embora sejam abordagens diferentes, pois nas fontes paroquiais buscava compreender e localizar o lugar do indígena na recente sociedade curitibana, enquanto que analisando o trato do indígena nas obras futuras, podemos perceber as tendências da produção de memória.

Segundo o sociólogo Márcio Oliveira em artigo publicado em 2005, a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1938 é um importante movimento para que o “mito” da Curitiba branca europeia tome força e se estabeleça enquanto “história oficial” do Paraná, seguindo exemplo de outras instituições da época, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1900 com intuito da construção de uma memória nacional, uma história “oficial”.

Ao discutirmos a construção do mito branco, não se pode deixar de mencionar a publicação “Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná” escrito por Wilson Martins em 1955, e instituir um paralelo com a obra de Gilberto Freyre “Casa-Grande & Senzala” de 1933. Segundo Oliveira

“[...]a ambição contida no livro [Um Brasil diferente] era, de fato, de outra natureza: tratava-se de escrever, para o Sul do Brasil, aquilo que Gilberto Freyre havia realizado para o país como um todo em Casa Grande & Senzala [...]” . (OLIVEIRA,2005)

Se por um lado a obra de Freyre, uma das primeiras obras históricas sobre a formação do Brasil, tem o objetivo de “simplificar” os movimentos antropológicos, identificando o branco europeu enquanto a civilidade e razão, o negro como a imprescindível mão de obra e o indígena como o ser em harmonia com a natureza passível de civilização, a obra de Martins ignora a presença dos dois últimos para a formação social do povo paranaense, pois segundo ele há “ausência do português e a inexistência da escravidão” (MARTINS, 1955), outro item de diferenciação entre as obras seria a inserção do imigrante como figura central, mas em linhas gerais, ambas têm finalidade de definir os movimentos e estabelecer a figura do homem paranaense e o homem brasileiro, respectivamente.

Obviamente, não se pode isolar os sujeitos históricos de seu contexto. Nesse ponto precisamos primeiramente identificar o movimento do “Paranismo” do período. O movimento surgiu após a emancipação política do Paraná em 1853, sendo uma das primeiras províncias a ser fundada pelo governo imperial. O principal intuito do movimento era a definição e construção da identidade paranaense, sendo que os objetivos do movimento foram reafirmados durante a comemoração do centenário da emancipação na década de 50. Com Bento Munhoz da Rocha a frente do governo no período, vários monumentos e praças foram inauguradas por Curitiba, tais como a estátua do Homem Nu e a Praça Dezenove de Dezembro, devidamente analisadas pelo autor Joacir Castro na monografia “Monumento ou Estátua: O “Homem Nu” da Praça Dezenove de Dezembro” de 2016. Vale destacar que Munhoz e Martins tinham

relação próxima e não é de espantar que a obra do segundo tivesse conteúdos interessantes ao primeiro.

Como bem pontuado pelo historiador José dos Reis na publicação “As Identidades do Brasil 2”, onde analisa as obras publicadas no período de forma a definir o discurso para construção da identidade brasileira, a década de 30 foi marcada intelectualmente pela ânsia do estabelecimento de uma identidade nacional, segundo o autor os discursos foram elaborados de forma “essencialista e [os autores do período] construíram fantásticas fábulas e mitos nacionais” (REIS, 2006, pág 22). Nesse contexto é inserido a criação do Círculo e diversas outras instituições de memória.

Optei por analisar as revistas do Círculo de Estudos Bandeirantes devido a relevância de seus fundadores e a importância da agremiação para a fundação da Universidade Federal do Paraná e da Pontífice Universidade Católica, entre outros importantes espaços de conhecimento. Para estabelecer o lugar do indígena nos discursos de construção de memória, optei pela análise de artigos selecionados, baseando a pesquisa na bibliografia específica. Inicialmente, pretendia relacionar a bibliografia de referência dos artigos, para verificar as referências comuns a todos os textos, mas apenas o artigo “Novos Rumos da Tupinologia” do autor Rosário Farani Mansur possui bibliografia especificada, e as citações à obras e autores dos artigos de Alfredo Romário Martins, são breves e geralmente utilizadas para descrição de algum acontecimento, e não de forma crítica, é evidente o caráter positivista das produções e sua intenção de instituição de uma memória pública.



O Círculo dos Estudos Bandeirantes

“O nosso Círculo de Estudos nasceu do desejo e da esperança de trabalhar e sentir, cada vez mais, um Paraná maior. E aqui ainda, à sombra do silêncio estudioso, longe do bulício das ruas, tal como outrora nas históricas catacumbas de Roma, vai trabalhando..., e irá auxiliando o burilar da inteligência moça que surge para o engrandecimento do Paraná de amanhã”

(Pe. Luiz Gonzaga Miele). MIELE, Padre Luiz Gonzaga. *[Carta]* 3 abr. 1930, São Paulo.

Fonte: Arquivo do CEB.

As catacumbas mencionadas por Miele referem-se ao tempo de quase uma década de encontros no porão dos pais de um dos fundadores, Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes, já que o círculo foi fundado em 1929. Mudaram os encontros para a parte de cima de uma farmácia na praça Tiradentes em 1938, entre 1939 – 1945 os encontros eram realizados no nº 384 da rua XV de Novembro, umas das principais ruas de Curitiba, até que enfim fosse fundada a sede em 1945.



29/3/1943, pedra fundamental do Círculo de Estudos Bandeirantes.

No centro: Dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (de chapéu), à sua direita Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto e o construtor João De Mio (de chapéu preto). Ao lado esquerdo do Dr. Loureiro estão o Dr. Joaquim de Matos Barreto, Dr. Roaldo Amundsen Koehler e Dr. Flávio Supply de Lacerda.

Fonte: Arquivo do CEB.



Fonte: Arquivo do CEB.

29/3/1943, discurso do lançamento da pedra fundamental da sede própria do Círculo de Estudos Bandeirantes, por ocasião do 250º aniversário da Fundação da Vila de Curitiba, em 29 de março 1943

Da esquerda para a direita: Bento Munhoz da Rocha Netto (discursando), Joaquim de Matos Barreto, Roaldo Amundsen Koehler, Giocondo Villanova Artigas, Ir. Henrique Augusto, Ir. Mário Cristovão, João De Mío, Manoel Lacerda Pinto, Pedro Ribeiro Macedo da Costa, Homero Batista de Barros, José Loureiro Ascensão Fernandes, Manoel Antônio de Barros Loureiro Fernandes, adolescente, filho de Loureiro Fernandes (Identificação de Jr. Luiz Albano e Lea Koehler).

Em publicação “Círculo dos Bandeirantes documentado” de 2011, do autor Sebastião Ferrarini, é apresentado o desenvolvimento e todos os personagens da criação do instituto. Ferrarini relata que afim de ir contra a corrente anticlerical do início do século XX, instituiu-se o Círculo Católico Paranaense em 1902, e assim se definia:

Club ou Círculo Catholico Paranaense

Seus Fins

Esta associação é destinada a reunir sob sua bandeira todas as pessoas que se quizerem entregar ao cultivo da intelligencia e do coração sob os principios da religião catholica.

Compor-se-ha:

I - De uma secção scientifica, em que se tratará por meio de palestras e conferencias de tudo quanto se relaciona com as diversas sciencias: historia, philosophia, direito etc.

II - De uma secção artistica, que comprehenderá as artes liberares: pintura, musica, esculptura e mecanica, procurando organizar-se um museu ou exposição de trabalhos effectuados dentro ou fóra do Estado.

III - Secção litteraria, pela criação de uma bibliotheca popular e escolhida; pela realização de secções literarias, representação de peças dramaticas, certamens litterarios e conferencias.

IV - Secção recreativa, com organização de divertimentos e jogos licitos, passeios campestres, etc.

V - Secção industrial, agricola e commercial em que se tratará de tudo quanto possa interessar estes tamos da actividade humana.

VI - Secção religiosa, que tratará de concorrer para o esplendor das festividades da Igreja.

As contribuições serão as seguintes:

10\$000 de joia e 2\$000 de mensalidades.

Uma vez installado o Club, a directoria acclamada organizará os estudos que serão sujeitos

à apreciação e aprovação da Assembléia geral dos socios. (edição 203 do jornal *A Estrella*, de 16 de março de 1902 / CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Livro de Atas n. 3, fl. 51 verso.)

O autor Ferrarini, destaca que o então Círculo Católico Paranaense, pode ter sido o prelúdio do que viria ser o Círculo dos Bandeirantes, esse processo é importante para que entendamos o “tom” do C.E.B. e para compreensão das produções escritas para a revista da instituição, não se pode ignorar que um de seus fundadores era o clérigo Luiz Gonzaga Miele e os demais firmes em sua crença católica.

Não há dúvidas de que o objetivo primordial do círculo era o desenvolvimento dos saberes e principalmente a discussão dos assuntos nacionais, como pontuado por um de seus criadores José Farani Mansur Guérios “O Círculo de Estudos Bandeirantes tem por mira, como um dos seus objetivos, a conservação documental de todos os fastos sociais de nossa terra” e Arthur Martins France “O Círculo de Estudos Bandeirantes tem por um dos principais escopos divulgar os fatos da nossa história local.”

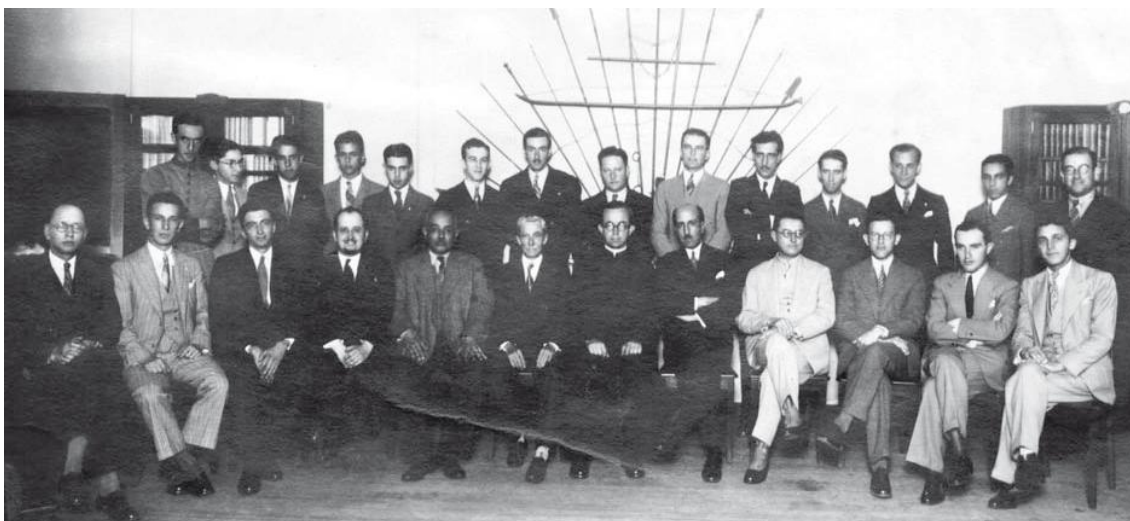
Em razão disso, ao se investigar a construção da memória no Paraná é de suma importância e relevância que analisemos o histórico de produções da

instituição e de seus fundadores, tendo em vista a importância política de seus proeminentes membros.

Apesar de sua origem e princípios advirem da comunidade católica, o Círculo abriga e desenvolve várias correntes de estudo, entre as quais Legião Paranaense de Boa imprensa (1931), Aulas de filosofia (1945), Associação de geógrafos brasileiros – núcleo Curitiba, Aliança franco brasileira do Paraná (1946), abrigou o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná em 1948 e a reitoria da Pontífice Universidade Católica, entre outras igualmente importantes, mas devemos nos ater ao Núcleo de Estudos Indigenistas criado em 19 de abril de 1946 criado pelos professores Dr. Máximo Pinheiro Lima, Oldemar Blasi, Marília Duarte Nunes e Ney Barreto, foi o núcleo que permitiu o aprofundamento das pesquisas dos grupos indígenas do norte do estado, os xetás e caigangues. (CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Livro de Atas n. 4, fl. 158 verso).

Os Fundadores:

Intelectuais e o fomento do conhecimento



Diretoria e sócios do Círculo de Estudos Bandeirantes, em 1929, em sua primeira sede, na Rua José Loureiro. Sentados, da esquerda para a direita: Raul Carvalho, Liguaru Espírito Santo (Fundador), Mário Braga de Abreu, José Loureiro Ascensão Fernandes (Fundador), Benedicto Nicolau dos Santos (Fundador), Arthur Martins Franco, Pe. Luiz Gonzaga Miele (Idealizador e Fundador), Manoel Lacerda Pinto, José de Sá Nunes (Fundador), Carlos Araújo de Britto Pereira (Fundador), Brasil Pinheiro Machado e José Farani Mansur Guérios (Fundador).

Em pé, foram identificados: Garcez Duarte, Newton Sampaio, Theófilo Garcez Duarte, José Rocha, Joaquim de Matos Barreto, Joaquim Franco, Edgard Chalbaud Sampaio, Nahor Ribeiro de Macedo, Rosário Farani Mansur Guérios, Homero Batista de Barros e Elias Karam. Fonte: Arquivo do CEB.



Antônio Rodrigues de Paula

Antônio Rodrigues de Paula nasceu na cidade da Lapa, Paraná, em 25 de novembro de 1881. Os títulos que produziu para a Revista do Círculo dos Bandeirantes entre 1929 e 1939 são: Anchieta – o santo do Brasil (crítica); A coerência de atitudes; Da justiça e do juiz; A crítica do livro de Taunay; Servidores ilustres do Brasil; Crítica da obra Estudos Crimino-Penalógicos de um Jurista rio-grandense e A liga eleitoral católica, além de ter publicado várias obras e artigos para outras revistas.

Rodrigues de Paula era notório dramaturgo, conferencista, escritor, jurista, poeta e professor. Faleceu em Curitiba, no dia 6 de outubro de 1949.



Benedito Nicolau dos Santos

Benedito Nicolau dos Santos nasceu na cidade de Curitiba no Paraná no dia 10 de setembro de 1878. Nicolau Santos era notável musicista, compositor e literato.

Publicou ativamente na Revista do Círculo dos Bandeirantes entre os anos de 1929 e 1939, os títulos A arte musical; Batel; O Belo; O Ritmo; Fonética musical sob o ponto de vista rítmico e musical; Homenagem e saudação (discurso em 4 de outubro de 1937); A história da música e os princípios teóricos que fundamentam a harmonia; Círculo dos sons duro (discurso); A intelectualidade paranaense; Normas e fatos; A música em suas origens; A origem dos sons e da escola musical; A mulher e a educação musical; A pedagogia musical; Novo método de música; Saudação ao Sr. Dr. Leôncio Correia; O orgulho humano; Conflito escolástico.

Faleceu na mesma cidade em que nasceu, em Curitiba no dia 9 de julho de 1956.



Bento Munhoz da Rocha Neto

Munhoz da Rocha nasceu na cidade de Paranaguá no Paraná no dia 17 de dezembro de 1905, um dos mais conhecidos dentre os fundadores, era escritor, professor universitário, sociólogo, sendo homem de vida pública como parlamentar e admirável orador, aqui vale destacar sua importância, pois como foi governador do estado do Paraná entre 1951 e 1955, período das

comemorações do centenário de emancipação, Munhoz inaugurou várias praças, monumentos e instituições durante seu mandato.

A seguir relaciono suas contribuições para a revista do Círculo de Estudos Bandeirantes entre 1929 e 1939: Questões sociais; Conceitos de Renan; Regime de opinião; Roma; A significação do Paraná; Aspectos literários; Eça de Queiroz e Machado de Assis; As forças destruidoras da pátria; Anotações à margem de Minha Formação de Joaquim Nabuco; Saudação ao Sr. Prof. Benedicto Nicolau dos Santos pela conclusão dos 4 volumes de Sonometria e Música; Palavras sobre o Bandeirante Newton Sampaio; A Democracia; Classificação tomista das ciências; Livre-arbítrio; Comentário ao livro de Van Loon; América.

Proeminente homem público faleceu em Curitiba, em 12 de novembro de 1973.



Carlos Araújo de Britto Pereira

Carlos Araújo de Britto Pereira nasceu na cidade de Manaus, no estado Amazonas, no dia 14 de março de 1901. Pereira era proeminente jurista, sendo que assim que em seu período no Paraná, chegou a Paranaguá em 1925, assumiu o cargo de promotor público da cidade e em 1927 assumiu a promotoria pública de Tibagi. Também no ano de 1927 foi nomeado Juiz Municipal de Santo Antônio da Platina e depois Juiz de Direito Substituto de Jacarezinho e dentre suas principais realizações foi secretário da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, parte da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – Seção do Paraná e foi secretário e presidente da OAB entre 1939 e 1940.

Sua contribuição para a Revista do Círculo é o artigo “Lendas do Amazonas. 1853 e a Província do Paraná” e assim é citado:

“Sobre a Conferência 1853 e a Província do Paraná, proferida por Carlos Araújo de Britto Pereira no Círculo de Estudos Bandeirantes, aos 19 de dezembro de 1929, Dia da Emancipação Política do Estado do Paraná, o

General Raul Munhoz, associado do Círculo de Estudos Bandeirantes, em breve alocução, disse estar ainda em dúvidas quanto ao lado mais em relevo da brilhante conferência que acabava de ouvir, “não sabemos que mais admirar: se o brilho da forma com que o orador pode concatenar os fatos históricos da nossa vida paranaense, ou se o completo estudo que possui dos nossos episódios e tradições os mais interessantes”. (CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Livro de Atas n. 1, fl. 17 verso).

Britto Pereira faleceu em 1966.



José de Sá Nunes

José de Sá Nunes nasceu na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, em 7 de junho de 1889.

Outro notável professor, jurista e intelectual é apresentado na obra de Sebatião Ferrarini da seguinte forma:

“Quer como professor, quer na função administrativa de alta responsabilidade, a sua linha de conduta se fez de excepcional brilhantismo e de admirável retidão pela absoluta fidelidade aos princípios que o nortearam na vida. Daí as adversidades que teve de arrostar com grande reserva de energias morais, em uma batalha insana em prol da moralidade no ensino, da formação espiritual da mocidade e da defesa da correção da linguagem, consciência de que, face aos deveres para com Deus e para com a pátria, ensinou aos que não sabem, propugnando simultaneamente a pureza do idioma, é obra de religião e de patriotismo mormente num meio onde campeava o indiferentismo religioso sob a nefasta influência de remanescentes e liberalismo que proclamavam a ignorância religiosa da escola leiga como um dos postulados mais sedutores da democracia liberal”. (FERRARINI, 2011, pág 51)

Entre os anos de 1929 a 1932 publicou os artigos “Curitiba perante a Filologia”, “Conversos”, “A boa e a má imprensa” e “Língua vernácula” na Revista da C.E.B. e tinha grande interesse na temática da língua portuguesa,

produzindo diversos artigos sobre ortografia, inclusive, referente ao Tupi. (FERRARINI, 2011. Pág 52)

Sá Nunes faleceu em 24 de janeiro de 1955.



José Farani Mansur Guérios

José Farani Mansur nasceu na cidade de Curitiba, no Paraná, no dia 7 de novembro de 1905, era professor, escritor e jurista.

Entre os anos de 1929 e 1939 publicou os seguintes artigos na Revista de Estudos Bandeirantes: A força moral; A imortalidade do Estado; Dever da desobediência; A época das ditaduras; A reforma da bandeira nacional; A dor – aperfeiçoadora das almas; O código do Processo Civil; A liberdade de pensamento; Os olhos; Sete de Setembro; No limiar da idade nova de Tristão de Athaíde; A ânsia do infinito no coração do homem; Diplomacia e diplomatas; Considerações ao discurso do Dr. Reinaldo Porchat sobre o ensino livre; A velhice; Os fundadores católicos do Direito Internacional; Direito e Estética; Beethoven e a dor; Comentários à obra de Bonamelli; Na tribuna e na imprensa; Contardo Ferrini, através das mencionadas obras percebe-se a preocupação de estudo sobre a política nacional.

Farani Guérios faleceu na Capital paulista, em 4 de janeiro de 1943.



José Loureiro Ascensão Fernandes

José Loureiro Ascensão Fernandes nasceu na cidade de Lisboa, em Portugal, no dia 12 de maio de 1903, sendo criado pelos seus padrinhos, que tinham ascendência nobre.

Formado em Medicina, com especialização no exterior, foi o primeiro urologista do Paraná. Bem como Bento Munhoz da Rocha, desempenhou

atividades em vários cargos políticos e públicos entre os quais, diretor do Departamento Estadual de Saúde Pública em 1945, secretário de Educação e Cultura do Paraná em 1948 e vereador da Câmara Municipal de Curitiba entre 1948 e 1951 e foi declarado como catedrático de Antropologia, Arqueologia, Etnografia Geral e Etnografia do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná em 1959. Cabe destacar que criou o Departamento de Antropologia da UFPR e fundou o Museu de Arqueologia e Artes Populares (MAAP) em Paranaguá no ano de 1963, atualmente o museu foi renomeado para Museu de Antropologia e Etnologia da UFPR (MAE). Importantes pesquisas na área da antropologia paranaense são de sua autoria e devido sua produção, posteriormente, tornou-se presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

Foi sócio-fundador do Círculo de Estudos Bandeirantes em 1929 e seu nome está profundamente ligado à história da agremiação.

Ocupou a presidência em 1938, 1942–1946, 1949, 1956, 1961–1964, e foi eleito presidente perpétuo do Círculo de Estudos Bandeirantes.

Sendo um dos mais notáveis estudiosos do Círculo, elaborou diversos artigos para publicação na revista, entre os anos de 1929 e 1939 publicou: História; Cronologia pré-histórica; Couto de Magalhães e o Selvagem; Unidade da espécie humana; A Arte Paleolítica; Uma viagem do professor Piccard à estratosfera; Fundação e vida do Círculo de Estudos Bandeirantes; A grande serpente do mar do Dr. Melo Leitão; Os Mahratas da Índia portuguesa; Necrológico do Dr. Vital Brasil Filho; Impressões pessoais sobre o Mosteiro de Batalha; A Idade Média; O chafariz do Largo do Machado (RJ); Notas hemato-antropológicas sobre os caingangues de Palmas, 1939. Percebe-se que a maior parte de sua produção tem direcionamento antropológico, e aqui destaco sua intensa pesquisa com os sambaquis do litoral paranaense, antes pouco explorado.

Faleceu, em Curitiba, no dia 16 de fevereiro de 1977.



Linguaru Espírito Santo

Linguaru Espírito Santo nasceu na cidade de Tibagi, no Paraná, no dia 13 de agosto de 1900. Foi professor normalista a partir de 1918.

Sua produção para a Revista do Círculo dos Bandeirantes foi vasta e entre os anos de 1929 a 1939 publicou os artigos: A lei natural; O estudo; A má imprensa e a modernidade; A vida do Padre Anchieta; Estudo sobre S. Emcia. O Cardeal Mercier; A vida de Padre José Falarz; A questão social à luz da Encíclica “Rerum Novaru”; Curiosidades naturais do Paraná; O bom e o mau mestre; Comentários a uma entrevista do Dr. Alceu Amoroso Lima sobre o Plano Nacional de Educação; Comentários à conferência “Páginas de Memórias” do Prof. J. A. Pires de Lima; A personalidade do Barão de Ramiz Galvão e a passagem do seu 90º aniversário natalício; Considerações sobre a questão ortográfica; Em memória do Bandeirante Dr. João Alves da Rocha Loures Sobrinho; Comentários a uma conferência de Teodoro Sampaio sobre Anchieta.

Espírito Santo faleceu em Curitiba, em 29 de julho de 1985.



Padre Luiz Gonzaga Miele

Luiz Gonzaga Miele nasceu na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo, no dia 31 de maio de 1893, sempre citado por outros intelectuais da agremiação, seguiu carreira como clérigo e deixou o Círculo em 1933. Segundo Linguaru Espírito Santo sobre Miele:

“Somente a compleição intelectual e moral de um Padre como Luiz Gonzaga Miele, modelo do cidadão e do patriota, hércules do pensamento, brilhante talento, inteligência invulgar servida por aprimorada cultura geral e filosófica, mestre insigne da mocidade, jornalista e poeta de pena fulgurante e de estilo inconfundível, incisivo e castiço, orador notável entre os mais notáveis, mas, sobretudo, Sacerdote de Cristo: conhecedor profundo das cumiadas e dos

abismos do espírito humano, formado na escola do grande São Vicente de Paulo, somente um atleta do Bem e um apóstolo da divina caridade, da estatura de um Padre Miele, ousaria esta “entrada” pelo inóspito sertão do egoísmo, do utilitarismo e da mediocridade, características de épocas de crise e de decadência”. (REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba: Typ. João Haupt, tomo II, n. 4, p. 552 e ss., set. 1949).

Religioso intelectual, possui ampla produção de artigos na revista da C.E.B. entre 1929 e 1932: Da necessidade de conglobar esforços e energias esparsas; Nos domínios da incoerência; Romances e romancistas; A intangibilidade da lei; Sistema pedagógico das Escolas Ave-Maria; Monismo materialista e a ciência moderna; Problema do mal; O Vate de Mântua; Chesterton; Louis Veuillot; Contardo Ferrini; O ensino religioso nas escolas; Idealismo e calculismo; Hugo Wast e a novela contemporânea; A missão da imprensa: vicissitudes de um periódico; O movimento hitleriano; Palavras de retorno; Toque de reunir; A crise do transformismo; Definições necessárias; Vergastando a iniquidade; Justificação de atitudes; La barrière de René Bazin; O romance bandeirante: sobre Santos Dumont; Apreciação crítica de Mons. Itiberê da Cunha; ‘Gang’ de Papini: lições de filosofia ministradas aos Bandeirantes.

Miele faleceu, em 10 de maio de 1976.



Pedro Ribeiro Macedo da Costa

Pedro Ribeiro Macedo da Costa nasceu na cidade do Porto, em Portugal, no dia 25 de julho de 1880, mas não há certeza quanto sua cidade de origem, pois na Revista do Círculo Estudos Bandeirantes de 1941, consta que Pedro Ribeiro Macedo da Costa nasceu em Cedofeita em Portugal.

Veio o Brasil em 1911 e com o conflito do Contestado, mudou-se para Curitiba. Após indicação do então governador do estado, integrou a Comissão de Defesa do Patrimônio Cultural do Paraná em 1936 e permaneceu no cargo até 1951.

Enquanto Artista plástico dedicou-se à escultura, música (teclado e piano) e pintura, foi membro de comissões organizadoras do Salão Paranaense de Belas Artes e da Comissão de Defesa do Patrimônio Cultural do Paraná.

Entre os anos de 1929 e 1939 publicou na revista da agremiação: O direito e a moral; O matrimônio; Uma página literária; Fátima: a Lourdes portuguesa.

Macedo da Costa faleceu em Curitiba no dia 16 de maio de 1953.



Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas

Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas nasceu em Arraial de Aramari, município de Alagoinhas, no recôncavo baiano, no dia 13 de maio de 1894.

Foi importante intelectual e catedrático, sendo que lecionou na Pontífice Universidade Católica (PUC), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi coproprietário do colégio renascença de Curitiba, diretor e redator do jornal Luzeiro, além de estudioso do hebraico, das línguas clássicas latim e grego e do

alemão.

Entre os anos de 1929 e 1939, publicou os artigos: Milagres de Lourdes; A antiguidade da linguagem humana à luz da matemática; A fonte de Lourdes; O Esperanto; Considerações de um médico alemão sobre o caso da estigmatizada de Konnersreuth; O laicismo escolar; O problema religioso na Alemanha contemporânea; Comentários sobre o artigo do Dr. Armando Câmara; A filosofia espiritualista e a psicologia espiritual; Tereza Neumann: a estigmatizada de Konnersreuth, esta última publicação foi grandemente difundida devido o caráter polêmico do tema.

Freitas faleceu em Curitiba no dia 27 de novembro de 1980.

Os Artigos:



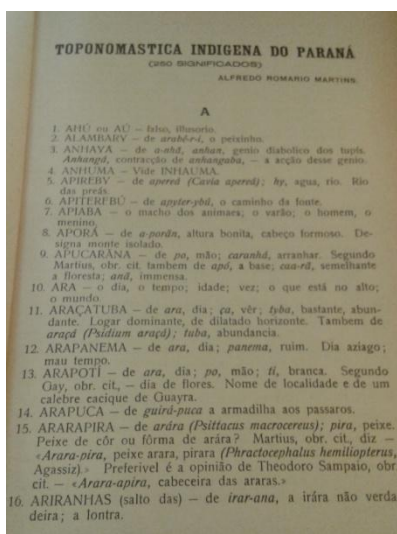
Edição nº 5 Tomo I de 1938

Ao analisarmos as publicações da revista do Círculo, é perceptível a preocupação em rememorar os grandes nomes da história paranaense e seus feitos em detrimento dos povos indígenas, sendo que das publicações entre 1934 e 1956 há 5 produções tendo como temática central o indígena, sendo 3 referente à língua Tupi, um sobre a distribuição geográfica das tribos no Paraná e o último sobre catequização dos indígenas, ou seja, por

mais que haja a preocupação de identificar e definir a povoação indígena, o indivíduo ainda é tratado enquanto coadjuvante de sua própria história. Aqui cabe destacar a falta de menção aos escravos nos artigos, salvo menção nas “efemérides paranaenses” escrita por Francisco Negrão, pois ao mesmo tempo em que há a redução da importância do indígena, a presença do escravo e seus descendentes é totalmente ignorada.



Edição Comemorativa do 25º aniversário do Círculo 1954 e edição nº 1 do Tomo II de 1956.

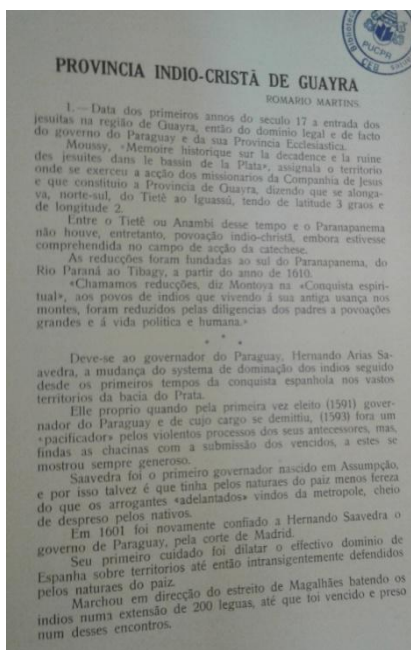


Toponomástica indígena do Paraná (1934)

Rosário Farani Mansur foi proeminente linguista e na época de produção do artigo, lecionava português no Colégio Estadual do Paraná, seus trabalhos mais relevantes são da área de estudo de idiomas e principalmente do português.

Primeira publicação com temática indígena, basicamente trata da estrutura das

palavras indígenas, sua origem e significado, muito próximo de um dicionário, também está organizado em ordem alfabética. Assim como os textos linguísticos do autor Rosário Farani Mansur, tem caráter informativo e não há problematização referente ao tema.



Provincia índio-cristã de guayra (1936)

Alfredo Romário Martins é um ícone da cultura curitibana e paranaense, desenvolveu várias pesquisas etnográficas sobre os povos originários, foi líder do movimento do “Paranismo” que pretendia estabelecer um identidade à cultura do Paraná e não se pode ignorar a fundação do Museu Paranaense, sendo um dos espaços de memória mais importantes do Paraná.

O artigo foi publicado na Revista de número 3, tomo I em setembro de 1936 e dentre os artigos é o que mais trata dos indígenas enquanto indivíduos. Sob autoria de Romário Martins o texto trata das missões jesuítas no Brasil meridional, mais especificamente da região de Guaíra e suas ramificações pelo sertão paranaense. Interessante destacar

que o autor afirma que o sistema de dominação indígena implementada na região foi bem sucedido e “um campo de ensaio” para reduções com o mesmo princípio.

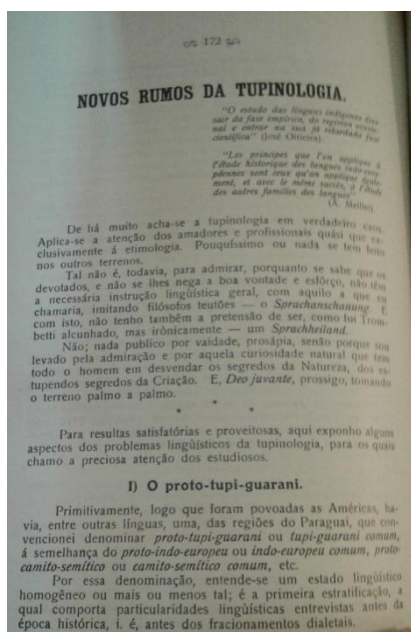
Inicialmente, é definido a importância de Hernando Arias de Saavedro, pois foi o primeiro Crioulo, denominação daqueles nascidos na colônia, a assumir posto de governador colonial, mais especificamente a região colonial de Assunção, segundo o autor, talvez por ser nascido na colônia, tinha mais “apreço” pelos nativos e durante seu governo foram declarados livres da “encomienda” os indígenas convertidos e catequizados pelos jesuítas, portanto a escravidão estaria proibida aos gentios cristãos, as missões foram oficializadas no território espanhol por carta régia de 1608 de Felipe III.

Segundo Martins, eram 13 missões fundadas ao longo de território Guaira: Nossa Senhora de Loreto, capital da missão, Santo Ignacio Mini, São Francisco Xavier, São José, Annunciación, São Miguel, Santo Antonio, São Pedro, São Thomé, Los Angeles, Concepción, São Paulo e Jesus Maria. Relata que os reinos do Paraguai logo se opuseram as reduções, pois os jesuítas eram obstáculo à escravização dos gentios. Em seguida descreve o ataque dos bandeirantes da comitiva de Manoel Preto e Antonio Raposo Tavares em 1629, onde 15.000 foram mortos e 60.000 escravizados, vendidos em São Paulo e as capitanias ao norte. Após a destruição da redução, 12.000 nativos foram obrigados a migrar para os sertões, rio Paranapanema abaixo, depois pelo rio Paraná até o Paraná-Uruguaí, sob responsabilidade do Padre Montoya, Dias Tanho e Simão Maceta.

As missões foram utilizadas em primazia para cristianização dos indígenas e logo foi constatada a eficiência para civilizar e dominar os nativos, as missões eram auto sustentáveis e apaziguava os gentios. Assim, Martins descreve a rotina dentro das reduções, sendo o ensino das crianças em guarani e as festas indígenas “toleradas” pelos sacerdotes, também como forma de controle dos nativos.

Dentre os 5 artigos de temática indígena constantes nas edições da Revista, O texto sobre as missões de Guaira é o que mais discorre a história dos nativos, pois tem a preocupação de explanar os eventos que levaram à

criação das reduções, mas ainda é passível de críticas. Apesar do tema central ser o indígena, o tom geral do texto é paternalista e apresenta o homem branco (padre, colono ou bandeirante conquistador) enquanto protagonista das mudanças, para o bem ou para o mal, e os povos originários aparecem como números e menos como indivíduos históricos. Como mencionado, o tom paternalista é constante e os jesuítas são elevados à salvadores dos indígenas e as missões apresentadas como único refúgio e forma de livramento da escravidão, muito devido à crença católica, bastante presente nas publicações do Círculo e recorrente no tratamento de outras temáticas.



Novos Rumos da Tupinologia. (1937)

O texto é de autoria de Rosário Farani Mansur publicado na Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes número 2, do tomo I datado em fevereiro de 1937, sendo o único texto da edição a tratar dos indígenas, em linhas gerais o texto é destinado a linguistas e são instruções de como estudar as línguas de tronco Tupi.

Durante o desenvolvimento, o autor apresenta a base para compreensão da língua

tupi, estabelecendo a origem como sendo no Paraguai, o processo histórico da dispersão da língua pelo território do Brasil, seu parentesco com outros idiomas e dialetos originários.

Parafraseando Mansur, o objetivo é apresentar os aspectos dos problemas linguísticos da Tupinologia para que haja compreensão e aprofundamento da pesquisa, ou seja, a autora não se propõe a tratar da presença indígena, sua contribuição para a história da cidade de Curitiba ou do Paraná.

Distribuição Geographica das tribus indígenas (1938)

Outra publicação do autor Romário Martins, como bem mencionado no título, discorre sobre a distribuição das tribos indígenas ao logo de Curitiba. O texto foi publicado na revista nº 5 tomo I, em abril de 1938.

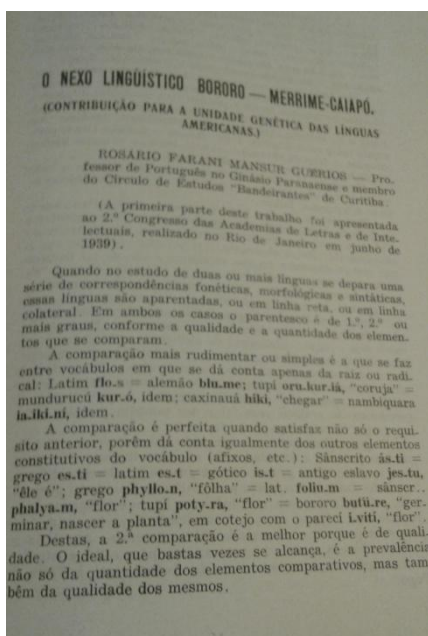
No território do Brasil meridional a predominância é Guarani, o autor destaca as 13 missões de maioria guarani nos vales dos Rios Pirapó, Tibagi, Ivaí e Piquiri. Há os carijós, da região litoral, encontrados principalmente em Paranaguá e foram de grande relevância para “descoberta” e exploração das minas auríferas da região. Temos os Tingui, nativos da região de Curitiba e cidades adjacentes tais como araucária, Almirante Tamandaré e Piraquara, inclusive, a primeira denominação de Araucária era Tinguiquera. Os cayguás no Vale do Paranapanema, os Guayanás no baixo Tibagi, os Guarapiabas no campo norte de Guarapuava, entre os rios Piquiri e Tibagi, os Guapuras ao norte o ri Uruguai norte do médio e baixo rio Iguaçu. Há os Mimos norte Rio Iguaçu e rio Piquiri, médio e baixo, Chiquis norte do Iguaçu e sul do Piquiri, os Teminimós entre os rios Piquiri e Tibagi, os Mbiazais região ocidental da serra do mar, os Abapánis entre os rios Iapó e Pitangui, os tabacais, Asboipitãns, Yaguaquês, Cumininguaras e os Ninguarús no vale do Tibagi, os Itacúras, Itaquébas, Hindós, Tarapopês na margem esquerda do rio Paraná. Há ainda os Arés no baixo do rio Ivaí e Piquiri, os Bitrunas e os Papagaios nos campos de Palmas, os Tayobás a esquerdo do rio Corumbataí, Pinarés no sul do Rio Negro e Iguaçu e cabeceiras do rio Uruguai, Ibiticoís a esquerda do rio Ivaí, os Tupinikins no litoral de Guaraqueçaba , Ibiticurús a esquerda do Tibagi, Itambaracás a esquerda do rio Paranapanema, os Campeiros a esquerda do Rio Tibagi, Guapuãns não definido no planalto. Os chovas as margens do Iguaçu, Cheribás correspondente à foz do Santo Antonio, Biopébas Vivian nas reduções de Guaíra, advindos do norte do rio Paranapanema, os Pés Largos vindos de São Paulo, também viviam nas reduções de Guaíra, Chiriguanas território de Guaíra, Os guapuás nas margens do Iguaçu, os Guanaós entre Santa Catarina e o Rio da Prata, Iratins na vertente oriental do Rio Paraguai.

Em seguida são apresentadas as tribos de tronco divergente do Guarani, os Créns, sendo os Caingangs a direita do Rio Uruguai, Camés na região de

Iguaçu e Uruguai, os Votorões e Dorins respectivamente, nos campos e sertões de Guarapuava, os Gayruçrês do Iguaçu – Uruguai, os chochrêns sul do rio Iguaçu, Curutons nos campos e pinhais de Guarapuava, os Chavantes entre os rios Ivaí e Paranapanema, os Cabelludosnas nascentes do Rio Iguaçu, os Ibirajaras ao sul do Rio Negro e os Gualachos nos campos de Palmas. E por fim os Botucudos, do grupo Gê, nativos temidos por outras tribos e os exploradores da região, dominaram a região do Iguaçu.

No que se refere à produção de Martins, é dada maior ênfase aos Guarani, que eram maioria nas missões jesuítas e aos Botucudos, que em contraponto dos Guarani, são apresentados com aparência ameaçadora, devido aos pratos no lábio inferior e por serem hostis aos colonos, jesuítas e outras tribos.

É evidente a preocupação em delimitar e relacionar a região onde as mencionadas tribos são encontradas, apesar de haver breves relatos das tribos de maior "relevância" ou mais conhecidas, o texto, bem como os outros artigos produzidos pelo Círculo, possui caráter informativo e não se preocupa apresentar as culturas das tribos relacionadas, não há aprofundamento no desenvolvimento do conhecimento sobre os indivíduos desses povos.



O Nexo linguístico bororo – merrime-caiapó (1939)

Texto publicado na revista de número 1, do Tomo II de setembro de 1939, sob autoria de Rosário Farani Mansur Guérios também de temática linguista, o artigo trata da proximidade linguística dos Bororo e os Caiapó, utilizando os métodos de análise apresentados no texto "Novos Rumos da Tupinologia" é apresentando ao leitor exemplificações da proximidade dos dialetos.

Bem como seu primeiro texto, o objetivo é orientar linguistas no trabalho com o dialeto e pouco relata sobre os mencionados povos, obviamente a temática central é a linguagem, mas o autor não explora a presença do indígena, os usos cotidianos dos dialetos ou de que forma é aplicado junto ao português, estabelecendo distância dos povos originários.

Nesse ponto gostaria de explanar parte do artigo “Influência da Religião no Paraná” escrito por Dom Manuel da Silveira D’Elboux na revista de nº 1 do tomo III, referente à palestra dada no ano de 1953, pois há capítulo específico quanto a educação dos indígenas.

No subtítulo “Ensino”, o autor estabelece as principais contribuições da Igreja para o desenvolvimento dos saberes e enaltece os jesuítas enquanto precursores do ensino público no país e mestres dos intelectuais e literatos dos séculos XVII e XVIII.

Seguida dessa introdução, o autor desenvolve o texto “O Ensino Entre os Índios”, nessa parte do artigo há novamente o enaltecimento da figura do jesuíta enquanto ponte entre o mundo civilizado e os autóctones, caracterizado pela preocupação em “conquistar” os nativos através da tolerância e apreensão de seus ritos. Interessante destacar que após o breve desenvolvimento exposto acima, o autor inicia a discussão sobre a importância do jesuíta enquanto “estudioso” dos dialetos dos nativos e ao final afirma que os missionários admiravam a língua dos nativos e a comparavam ao grego devido sua riqueza, delicadeza e elegância. Um trecho sucinto, mas o único dentre os analisados anteriormente a enaltecer alguma característica cultural dos nativos. Obviamente não se pode ignorar o domínio da língua Tupi enquanto ferramenta de dominação e cristianização dos mencionados povos e apesar de haver o “louvor” à língua Tupi, ainda mantém o tom paternalista, já identificado nos outros artigos.

Considerações Finais:

O Círculo dos Estudos Bandeirantes foi fundado com o objetivo de fomentar o interesse no estado do Paraná e aprofundar os conhecimentos referentes à história do Paraná e Brasil, partindo da agremiação de vários intelectuais do período, religiosos, músicos, homens públicos, professores, linguistas e produziram vasto material referente à construção da memória regional. Na presente monografia, minha finalidade era definir o lugar dado aos povos indígenas nessas produções.

A partir da análise dos artigos publicados da Revista do Círculo ficou evidente a eletividade para definição da importância dos agentes históricos, e fica ainda mais claro ao estabelecermos comparação com as produções do IHGB e IHGPR, em pesquisa de Frederico Custódio, se percebe a inconsistência do projeto de identidade nacional, pois

“ [...] como o elemento negro poderia ser o menos importante na formação do brasileiro se eles davam conta de mais de 50% da população em fins do século XIX, estando presente em números muito maiores do que brancos em algumas localidades do país ainda nesta época.” (CUSTÓDIO, 2016)

Como os negros, assinalado na citação, o indígena é classificado enquanto gente de qualidade inferior, uma persistência do período colonial e o trato paternalista dos nativos só reforçam essa percepção, se durante o período colonial o nativo devia ser tratado como “ingênuo”, um ser que precisa ser administrado nos caminhos da fé católica, no século XX é simplesmente ignorado, já que foi inserido na sociedade e sua cultura foi sufocada pela catequização. Referente à supressão da cultura indígena do período, interessante destacar outra parte do trabalho de Frederico Custódio, em análise sobre o artigo “Ligeiras Notas Sobre Ethnologia Paranaense” escrita por Jayme Dormund do Reis em publicação do Boletim do IHGPR:

“[...] É curioso de que maneira o elemento indígena é inserido nesta análise: como etapa da linha de miscigenação do homem paranaense, um dos primeiros componentes, inserido através da violência, como derrotado e assimilado pelo elemento português.” (pág 24)

A partir dos excertos apresentados acima, podemos perceber uma constância no concernente a construção dos discursos de memória, predominantes no período.

No mito da Curitiba branca, não há lugar para o indígena. Isso é visível na parca existência de artigos sobre eles durante 3 décadas e os 3 tomos de edições da Revista Círculo dos Estudos Bandeirantes, que compreendem o período de 1934 a 1956.

Referências Bibliográficas:

CASTRO, Joacir. Monumento ou Estátua: O “Homem Nu” da Praça Dezenove de Dezembro. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em História). Curso de História Memória e Imagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

COELHO, Geraldo M. História e ideologia: o IHGB e a República (1889-1891). Belém: Universidade Federal do Pará, 1981.

CUSTÓDIO, Frederico. Aprisionado em Páginas: Discurso Acerca dos Índigenas no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (1918 – 2010). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel e licenciatura em História). Curso de História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

FERRARINI, Sebastião. Círculo de Estudos Bandeirantes documentado. Curitiba: Champagnat, 2011.

HOBBSAWM, Eric J. A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. (1ª edição, Anhembi, 1955)

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Oliveira, Márcio, O “Brasil Diferente” de Wilson Martins. Caderno CRH [en línea] 2005, 18 (Maio-Agosto): [Data de consulta: 25 de setembro de 2018]
Disponível em:

Fontes:

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, tomo 1, n. 2, ago. 1935.

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba: Typ. João Haupt, tomo II, n. 2, jul. 1941.

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba: Typ. João Haupt, n. 9, jul. 1944.

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba: Typ. João Haupt, tomo II, n. 4, set. 1949.

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Edição Especial comemorativa do 25º aniversário de fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes. Curitiba: Ed. Papelaria Requião, tomo II, set. 1954.

CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Livro de Atas n. 3, fl. 51 verso.

CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Livro de Atas n. 4, fl. 158 verso